

Almeida, Maria Antónia Pires de (2002), “Criado”, Conceição Andrade Martins, Nuno Gonçalo Monteiro (orgs.), *A Agricultura: Dicionário das Ocupações*, Nuno Luís Madureira (coord.), *História do Trabalho e das Ocupações*, vol. III, Oeiras, Celta Editora, pp. 163-165. ISBN: 972-774-133-9.

Criado.

Grupo: Trabalhadores.

Variantes: Chauffeur, Chaveiro, Cocheiro, Contador, Criada, Criada de Mandados, Criada de Servir, Criada doméstica, Criado de casa, Criado de serviço, Criado de Servir, Estribeiro, Faz recados, Moço da estribeira, Motorista, **Paquete***, Serventa, Serviçal, Serviço de casa, Serviço doméstico, Servidor, Servidora, Servindo, Solarengo, Trabalhadora doméstica, Trabalhos domésticos.

Segundo Viterbo, o criado é um servo ou doméstico assalariado, para servir a quem lhe paga. Este termo está presente nas mais diversas fontes, com variantes consoante o tipo de trabalho desempenhado. Por exemplo, nos livros de Décimas, os **Lavradores*** pagam impostos “pelos seus creados” (Avis, 1753, 1836). Nestes casos, os referidos criados são trabalhadores agrícolas (ver **Criado da Lavoura***), mas a mesma fonte também nos introduz as categorias de *Criado de serviço* (Avis, 1778, com a grafia *Criado de seruiço*) e *Criado de servir* (*idem*, 1836), residentes nas vilas e nas moradias dos seus amos, o que pressupõe uma ocupação doméstica.

Álvaro Ferreira da Silva, na sua tese sobre Oeiras, desenha uma evolução deste grupo em relação com as outras categorias de trabalhadores dependentes e como resultado da diminuição do número de **Escravos***. Começa por defini-los como “o conjunto de indivíduos que eram trabalhadores remunerados, mas em que a residência e local de trabalho coincidiam, isto é, que viviam no mesmo fogo que o seu empregador” (Silva, 1987). O autor salienta que “a entrada dos criados na vida laboral opera-se no início da adolescência, com uma tendência para o trabalho precoce das jovens criadas.” Enquanto os rapazes pequenos eram sobretudo enviados para o campo como **Ajudas de gado***, no sexo feminino notava-se a tendência para a contratação de crianças e adolescentes para

viverem com uma outra família que não a sua, com funções menores dentro dos serviços domésticos, geralmente na condição de aprendizes, e de companhia para as crianças da casa. Mesmo entre os criados da lavoura, frequentemente as crianças desempenhavam estes serviços para os *meninos*: por exemplo, numa herdade do Alto Alentejo, um pequeno **Perunzeiro*** brincava com os filhos do lavrador depois de fechar os perús (fontes orais, Avis, 1998, reportando-se a c. 1940). Era assim um modo de famílias de baixas posses garantirem a alimentação dos filhos e um maior conforto do que o que eles podiam proporcionar nas suas casas (ver **Jornaleira***). Esta experiência de “«exportação» de filhos seria um meio de aliviar o peso do consumo” que “marcou a socialização de um número significativo de jovens”, além de permitir que “os jovens solteiros circulassem entre os vários grupos domésticos, ganhando um pecúlio que permitisse a constituição de uma família com viabilidade para manter um padrão de vida ajustado às suas pretensões sociais...” (Silva, 1987).

Grande parte destes jovens acabava por ficar nas casas dos patrões até à velhice, constituindo, nas palavras de Anselmo de Andrade em 1918, “a classe mais privilegiada da civilização moderna, e a mais favorecida de todos os progressos”, pois tinham o privilégio de escapar à influência da subida dos preços por terem a sua alimentação e dormida em casa dos respectivos patrões: “É esta a classe que mais tem melhorado de situação. Sem greves, pacificamente, não se dando quase pela sua existência, conseguiu em 20 anos, ou talvez menos, triplicar os seus ordenados, e quanto ao preço da vida é isso completamente indiferente para os criados e criadas de servir, porque todas as despesas correm por conta dos respectivos patrões.”

Dentro desta categoria encontramos inúmeras especializações, consoante o nível económico da respectiva casa. Desde os cozinheiros (ver **Cozinheira***) aos mais simples *serviçais* para todo o serviço, todos os *criados* contribuíam para o bem-estar e conforto da família que serviam, apesar de constituírem também fontes de problemas descritos repetidamente na literatura e na tradição oral, pelas complicações que faziam surgir, geralmente relacionadas com intrigas e pequenos furtos. Nenhuma família foi poupada a histórias de criadas que contribuíam para a iniciação sexual dos *meninos*, assim como grande parte das casas de classe média/alta até quase ao final do século XX tinham ainda ao seu serviço uma antiga criada da província ou uma *Dama de Companhia* para algum

dos seus idosos. Uma figura também importante e completamente desaparecida dos tempos actuais é a criada ou o criado de *mandados* (ver **Paquete***) ou de recados. Sobretudo em meio rural, nunca uma senhora punha a hipótese de sair à rua para comprar o que quer que fosse, num hábito agora extinto de muito baixa frequência dos espaços públicos. Esta regra aplicava-se não apenas na aquisição dos alimentos diários, mas incluía todo o tipo de objectos, como por exemplo remédios ou acessórios de costura. Se em Lisboa uma senhora da elite rural se aventurava a uma loja da Baixa para comprar tecidos num armazém da moda, no seu local de residência essa senhora mandava a *criada* à retrosaria buscar o expositor de amostras, escolhia calmamente na intimidade do seu lar, e voltava a mandar a *criada* à loja com a escolha feita e a ordem para entregar a encomenda em casa. Naturalmente, estas saídas eram do gosto das referidas emissárias, que assim aproveitavam para sociabilizar, como aliás está presente não só na literatura e no cinema, como em toda a tradição popular e foi representada nos teatros e revistas dos anos 1930 e 1940.

A evolução dos meios de comunicação reflectiu-se também nas funções desempenhadas por este grupo: por exemplo, até ao início do século XX justificava-se a existência do *Estribeiro*, que tinha seu cuidado cavalariças, coches, arreios, etc. No Paço de Vila Viçosa existia no século XVI o cargo de Estribeiro-mor, que tinha a responsabilidade de assegurar “que «cavalos, como jaezes, escravos e todas cousas necessárias da estrebaria se proviam por sua ordem»” (Fonseca, 1997). A jusante deste cargo encontrava-se o *Cocheiro*, categoria que ainda se encontra nos recenseamentos eleitorais nos anos 60 do século XX (Avis, 1964), e que evoluiu para o *Chauffeur* (muitas vezes com a grafia *Chofer*, por exemplo nos livros do Hospital da Misericórdia de Avis, 1930, 1946), um termo importado juntamente com os respectivos veículos e que foi mais tarde traduzido para *Motorista* (Censos, 1940).